



INSTITUTO SUPERIOR
DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

"Toda a vida fui pastor..."



— ANTROPOLOGIA —

TRABALHO ELABORADO POR:
MÁRIO CARLOS DE OLIVEIRA MENDES
1º ANO - CURSO DE SOCIOLOGIA APLICADA

COTA 39 / MEN
NÚCLEO ETNOGRÁFICA
REGISTO 433 / F. local
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

Índice

- * Introdução ----- Pág. 2
- * "O ti Zé da Brígida" ----- Pág. 4
- * O vestuário ----- Pág. 8
- * O chôço ----- Pág. 10
- * O pastor e o artista ----- Pág. 11
- Em jeito de conclusão
- * O pastoreio: Passado / presente / futuro ----- Pág. 13
- * Vocabulário ----- Pág. 16
- * Bibliografia ----- Pág. 18



I N T R O D U Ç Ã O

Toda a vida fui pastor -
Toda a vida guardei gado
Já tenho o meu peito aberto
De andar ao pau encostado

Popular (Tolosa)

Remonta aos tempos pre-históricos o aparecimento do pastoreio.

Esta actividade notabilizou-se em certas civilizações, como a hebraica (alguns dos nomes mais célebres foram pastores como os de Abraão, Jacob, Moisés e David) ou em determinados povos como os Lusitanos, em que se tornou famoso o chefe Viriato.

Na Idade Média acentua-se a importância económica e social.

Nos documentos oficiais, a cada passo se citam grandes quantidades de gado, nos contratos, nas doações, nos testamentos. A atestar esta importância está o interesse que a vida dos pastores, aliada sempre a um certo bucolismo, despertou na literatura desse tempo. São conhecidas as "pastorelas" - canções tradicionais do can-

cioneiro galaico-português - e as serranilhas.

No Renascimento esse gosto literário mantém-se vivo: Gil Vicente, Camões, Bernardim Ribeiro entre outros retratam nas suas obras aspectos da vida pastoril.

Encarado sob outras feições o pastoreio continuou sendo um tema literário a que não ficaram indiferentes escritores de diversas escolas: românticos, realistas, neo-realistas.

Hoje em dia o pastoreio tem ainda importância, embora relativamente à economia geral ela seja menor que no passado.(1)

É desse universo feito de bucolismo, superstições, de arte e solidão, de beleza e nomadismo, da vida dura que é a vida do pastor, que trataremos neste trabalho.

O ti Zé da Brígida

José Maria Beato - Zé da Brígida - nasceu em Nisa, no distante ano de 1902.

Não conheceu os bancos da escola, o tempo de brincar próprio da infância. A sua terrinha foi outra. As dificuldades de uma família numerosa, cedo o remeteram para a labuta árdua do campo.

- "Fui para o campo desde pequeno. Comecei a ganhar aos 7 anos. Príncipei a guardar um rebanho de cabras, numa casa para onde o meu pai tinha ido quando eu tinha dois anos. Nasceram-me os dentes nesta vida. Sobre a vida da lavoura sei tudo. Andei a guardar gado e a fazer queijos mais de 50 anos!"

Ser pastor constitui uma profissão à parte, que em geral se segue toda a vida e tende a fixar-se na família, durante sucessivas gerações.

- "O meu pai tinha a mesma vida. Eu comecei a ganhar na companhia dele e com ele é que fui aprendendo. Vivámos sempre no campo. A nossa casa era o chôço. Não era como agora que vão dormir a casa".

Fez a "travessia no deserto". De criança a adulto, trabalhando em diversos misteres, servindo a vários anos como Jacob.

- "Andei com carretas a apanhar feno para os palheiros; fiz quase todos os trabalhos do campo até ir para a tropa, onde estive quinze meses e meio. Depois casei. Casei no dia 20 de Agosto de 1922 e ao fim de 15 dias de casado marchei caminho da Cunheira. Estive lá 8 meses a fazer fardos de cortiça. Mas eu andava era com a lida de me meter pastor. Foi a minha criação. Meti-me na vida de pastor e nesta vida andei cinquenta anos".

· O Alentejo é terra de grandes culturas e das grandes extensões.

O concelho de Nisa "entalado" entre a planície, com as suas terras de barro e areia a perder de vista e as serranias beirãs, constitui assim uma zona de transição, onde se entrecruzam, e formam um todo quase uniforme, influências de uma e outra região.

Não há aqui pastoras como as descritas nos "autos pastoris" de Gil Vicente, ou as "lindas pastorinhas" do romance popular.

As cabeças de gado lanígero mantêm uma grande importância na vida económica da região. Os rebanhos, transitando de herdade em herdade, por vezes a grandes distâncias, são guardados exclusivamente por homens.

Homens a quem era exigido um trabalho persistente, por vezes árduo, um tipo de vida solitário, nómada, quase eremita.

Ao romper da bela aurora
Sai um pastor da choupana
Vai dizendo em altas vozes
- Muito padece quem ama.

(Popular)

- "Levantava-me de madrugada e a primeira coisa que fazia era o almoço. Bontava (metia) os feijões pretos ao lume e era assim durante o ano todo.

Tinha o bardo* para mudar todas as manhãs. Eram 70 cancelas que eu tinha de carregar às costas. Havia dois ajudas, um para ajudar no almoço, outro para segurar as ovelhas para elas não abalarem.

Almoçava logo ao nascer do sol no chôço e chegava-se a hora do gado sair, marchava-se com ele até à noite. Ao meio dia comia qualquer coisa, pão com conduto que levava no sarrão. À noite chegava a prender cinquenta ovelhas à perna do bardo, sem nenhuma querer o borrego (engeitávam-nos).

No tempo da ordenha, eu não estava tratado (contratado) para ir para o alavão, mas para trazer a pensão sempre diante de mim, obrigava-me a ir.

Era bom para o patrão que assim não pagava ao alavoeiro e eu ia fazendo o serviço por uma bagatela".

A ordenha e a tosquia são dois períodos importantes na exploração do gado de lã. A ordenha começa geralmente pelos meados de Fevereiro, tendo os pastores procedido antes à rabeja - tosquia local de alguma lã que possa estorvar no acto da ordenha.

Rabejadas as ovelhas e apartados os borregos para uma pastagem onde as mães não os vejam e não ouçam, fica construído o alavão.

Há duas ordenhas regulares durante o dia: uma de madrugada, outra ao começar da tarde. A ordenha faz-se no aprisco, que tem apenas largura suficiente para trabalharem quatro homens a par e o comprimento suficiente para nele caber todo o alavão.

Os quatro homens são o maioral do alavão, o ajuda do alavão, o roupeiro e o ajuda do roupeiro. Cada um deles ordenha uma ovelha no seu ferrado e passando-a depois para trás das costas, segue com outra e assim sucessivamente.

Quando os quatro homens chegam ao cabo de um alavão de oitocentas cabeças ou mais, chegam derreados. É uma tarefa que se repete duas vezes ao dia e se faz sem interrupção durante três a quatro meses. (2)



Dá-me a chévé* da quinjêra*

*Pra i busqué a aferrada

Porque o quêje mesticé*

Leva munta* coalhada. (3)

* Expressões populares de Nisa

- "Sempre gostei de fazer queijos. Aprendi com o meu pai, de modos que além de pastor também era roupeiro. E a fazer queijos não queria que me "bontassem" (pusessem) as mãos em cima.

O leite chegava à queijeira na aferrada e passava para o azado. Ia-se aquecendo e voltando e deitavamos-lhe cardo até coalhar. A temperatura era importante. A coalhar devia demorar uma hora. Assim é que estava bem. Depois a coalhada era tirada para cima do parreirão ou francela, onde era migada, remigada e apertada nos acinchos.

Com oito litros dava um queijo dos grandes com um quilo e meio, era a tabela, o verdadeiro queijo de Nisa".

Os queijos, a queijeira ou rouparia, são também parte integrante do mundo do pastor. Um mundo onde as superstições, andavam à "rédea solta" e faziam lei.

Uma lei talvez alicerçada no saber de experiência feito, quem sabe...

- "Feito o queijo tirava-se do parreirão, mudava-se para as pingadeiras e mais tarde ia para as tábuas. Aí estava sessenta dias na cura. Aqui só levava sal e "limpezas". Quantas mais melhor. Quase no fim da cura, eu punha-lhe, untava-os com uma pinga de azeite para ficarem amarelos e não terem sarro, nem bolor.

Na queijeira só devia entrar gente de confiança e pouca. Mulheres então, o menos possível.

- "Uma ocasião estava na rouparia em casa do meu compadre. Um dia foi lá a patroa e uma irmã do meu compadre. Ela ia muito mal disposta. Ela não se lembrou e eu não sabia como ela vinha. Pediram-me para entrar na queijeira e... escangalharam-me o serviço. Os queijos deram em sair olhados e ainda se estragaram alguns. Enfim é a pior coisa que pode haver é uma mulher que esteja... que ande... mal disposta, entrar numa coisa daquelas".

O VESTUÁRIO

O ti Zé da Brígida é hoje reformado, vivendo de uma magra pensão que mal dá para lhe atenuar a tristeza de uma velhice compartilhada com a solidão.

Mantém ainda uma expressão vigorosa e uma memória de fazer inveja a muita gente nova. Quando fala do seu mundo da pastorícia, do bardo com as suas ovelhinhas ou da "cigana" uma rafeira de guarda, companheira fiel de tantos dias e noites, nota-se-lhe um certo embargo na voz.

- "Podem dizer o que quiserem mas a vida de pastor era muito ruim. Mezes no campo sózinho, às vezes dias inteiros sem ver ninguém, ali andávamos entregues à bicharada.

Fazíamos tudo desde o comer ao fato que trazíamos vestido".

O fato, como os costumes e os segredos da profissão eram passados de geração em geração.

- "Era o mesmo que já usavam os meus pais. Tinha a roupinha, umas calças de saragoça e vestia uma samarra. Era um casaco de lã feito de peles. Depois de preparada levava aí uma 5 ou 6 peles.

Por cima das calças usávamos os safões e umas plainas, umas engorras feitas de pano de chapéu velho.

Calçávamos taimancos feitos de pau de figueira, salgueiro ou amieiro".

Os taimancos eram espécie de sapatos de sola de pau, presos por correia sobre o peito do pé (diferentes dos tamancos do Norte); são ferrados com brochas de arame preparadas, tal como as peças de vestuário, nomeadamente os safões e a samarra, pelos próprios pastores.

Sobre os taimancos trazem polainas de couro, chamadas botas afiveladas pelo lado de fora. Nos pés os pastores podiam calçar ou não miotes, feitos com linha grossa ("fiado") pelas mulheres dos pastores.

Para além deste vestuário o pastor de Nisa usava também o gabão - um casacão ou capote alentejano, indispensável nas gélidas noites de Inverno.

O gabão tem aliás uma curiosa história.

Era costume em Nisa o patrão (o lavrador) pelo S. Miguel, oferecer ao

pastor com mais de um ano de casa, dinheiro para a compra de um gabão, ou mesmo oferecer o próprio gabão já feito e pronto a usar.

O gabão entrava assim no contrato de ajuste entre lavrador e pastor.

Talvez por isso se ouça por vezes na região: "Quem tem gabão sempre escapa / Quem não tem, escapará ou não".

Na cabeça o pastor usava um barrete ("um garruço preto" - como me dirá o ti Zé da Brígida) e como acessório do vestuário usava o cajado - pau direito ao qual se encostava ou que atirava ao gado - instrumento emblemático, simbólico, formando com o sarrão as insígnias do pastor.

=====

Eu vou per daqui abaixo

C'uma cajadinha às costas

Se eu não achar as ovelhas

Vou ser pastor de cachopas (Popular - Tolosa)

=====

No ombro esquerdo traz pendurado o sarrão feito de pele de um chibo ou de um borrego, com ^opêlo para fora, exactamente como um chibo sem cabeça; às pernas do chibo prende-se a correia de pendurar o sarrão.

Dentro do sarrão o pastor transporta os seus principais utensílios:

Colher de pau ou de corna, canivete, diferentes com a comida e o conduto e ainda alguns apetrechos de trabalho: sovela, martelinho, alicate, turquês, navalha. (4)

O CHÔÇO

- "A vida de pastor, além de andar com gado, é passada no chôço.

Ali é que é a sua casa. Foi no chôço que meus pais criaram uma "catrinféda" (catrinfada - muitos) de filhos. E todos se criaram.

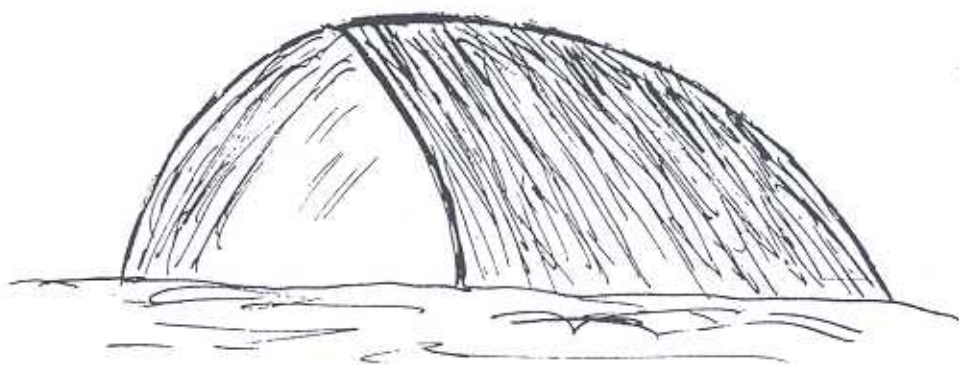
No chôço se passava o Natal e os dias festivos com os meus filhos, mesmo depois de eles se casarem e irem para a vila. Traziam a família, vinham de véspera e aqui se acomodavam todos. No chôço e no emparo (amparo - chôço secundário agregado ao principal).

O chôço é feito com paus de freixo ou de azinho, moldados por nós, e era coberto com giestas e colmo. Levava aí uma camada de 3 dedos, de colmo.

Bem feito não havia água que entrasse nele".

Dentro do chôço e para além dos utensílios necessários ao seu mister, o pastor tinha também o seu "mobiliário" tradicional: uma ou duas tropeças (tripeças - bancos de cortiça, ou um burro de pau - que ele próprio construía) e um caldeiro para cozinhar.

A gastronomia, bastante pobre, consistia especialmente de açorda, feijão frade cozido - recolhido do feijoal de arado (era semeado com o arado pelo pastor dando este a semente) também uma das condições do contrato de ajuste. (5)



Chôço - utilizado como acomodação pelo pastor alentejano

O pastor pertencia, como vimos à mais baixa "hierarquia" do mundo rural.

A vida solitária, de autêntico eremita, longe da aldeia ou da vila, aonde só raramente vinha, a falta de uma convivência social diversificada, a sua relação com o mundo dos animais, a natureza, faziam "brotar" quase espontaneamente actos culturais individualistas, aliando a criação a uma questão de sobrevivência.

A "coerção exterior" de que fala Durkheim (6) é aqui exercida mais pelo meio (o campo, os animais, a solidão, o nomadismo) do que propriamente pelo núcleo humano.

O pastor conta consigo próprio para enfrentar o meio (natural) que o rodeia. Não cria expectativas em função dos outros, mas em função da realidade mais imediata que o cerca. Os "papeis sociais" foram, no caso do pastor, de certa forma restringidos, a uma forma peculiar de existência.

E o isolamento mais acentua a sua solidão interior, essa que resulta da sua "acomodação" a esse papel.

E sendo certo que não há um pastor tipo, com uma personalidade, modelo comportamental-tipo, definido, moldado, que nos possa informar, sobre que conjunto de influências recíprocas se estabelecem entre si e o meio que faz do pastor um indivíduo fechado (e por vezes fechado sobre si próprio) ou se, pelo contrário são já esses traços característicos, imanes do seu comportamento que leva o indivíduo tal ou tal a enveredar pelo pastoreio.

O que sabemos isso sim, é que o pastor responde, por vezes com riquíssimos exemplos, a essa tentativa de o catalogarem, como um ser semi-selvagem, intratável, rude, afastado do mundo, da civilização e da vida e, vezes sem conta, apontado como o objecto da infidelidade conjugal.

Ele é pastor (e quantos segredos, quantos, não encerra esta actividade?) é cozinheiro, é roupeiro; confecciona o seu próprio vestuário; constrói a casa onde se acomoda (o chôço) os seus utensílios e instrumentos: o canado (tarro) de cortiça onde transporta a comida; as colheres de pau ou de corna; as cornas onde guarda o conduto, as azeitonas e o azeite, trabalhados com desvelo e artisticamente, bordados

com motivos alegóricos que ele retirou de um lenço ou que viu numa das fugazes passagens pela vila.



ornamento de corna
feito pelo pastor

EM JEITO DE CONCLUSÃO

O PASTOREIO: PASSADO / PRESENTE / FUTURO

=====

Tentámos neste trabalho focar alguns aspectos da vida do pastor e da sua principal actividade: o pastoreio.

Demos uma brave panorâmica de todo o universo que o rodeia. Faltou, talvez, aprofundar algumas questões. Problemas como o dos laços familiares, a sua (dele, pastor) integração social, a precaridade do seu trabalho e a complexa teia de laços que estabelece quer em relação aos outros pastores (laços de amizade sócio-profissionais e de competição) quer em relação ao grupo aldeia-vila e os relativos à interdependência pastor/patrão.

Olhámos mais para o "concreto-vivido", fotografando o microcosmos do pastor, o espaço físico e humano onde se desenrola a sua acção, um mundo feito de nostalgia, de isolamento e agruras, aqui e ali aliviado pelas alegrias breves de que fala Eugénio de Andrade, tão breves e repartidas, entre os eventos familiares, um ano bom de queijeira, de pastoreio e do pulvilhal.

O pastor é, talvez, neste declinar do século vinte, a última "sentinela" avançada de uma forma de vida característica; de uma presença humana que, bem distante no tempo, mantém vivo, um cordão quase umbilical com a civilização pré-histórica.

A rudeza de vida, o carácter fechado e solitário do pastor, forjado ano após ano em duras caminhadas e em noites ~~sem~~ "pregar olho" na luta quase titânica pela preservação do rebanho-garantia de sustento para si e para os seus - granjearam-lhe uma fama imerecida que ainda hoje perdura.

=====

Casaram-me com um pastor	Não quero amores pastores
Mal empregada cachopa!	Que são brutos animais
Morreram as ovelhinhas	Comem leite nas caldeiras
Ficou-me geirão (7) à porta	Ouvem missa nos currais

- Popular -

lhe pretende associar, o pastor pode considerar-se o expoente de uma pujante forma de expressão cultural: a de uma cultura de "sobrevivência", de autocriação - nascida de um modo abrupto, necessário e espontâneo, por isso original e não em função do "marketing" - que desde há milénios vem mantendo e que o tornou uma figura "sui generis", quase mítica (a funda de David, nascida de uma necessidade, simboliza isso mesmo) na galeria dos tipos populares da nossa sociedade rural.

✓ O pastoreio como actividade social e económica vem conhecendo um declínio, principalmente a partir da década de 60.

Há quarenta ou cinquenta anos atrás existiam perto de uma centena de pastores só no termo de Nisa. Hoje serão pouco mais de uma dúzia.

O concelho de Nisa era um dos principais produtores de lã do país para além de ser, igualmente, um importante centro de abate e de produção de leite e de queijo.

Em 1950 produziram-se no concelho cinquenta mil quilos de lã, o que atesta a importância do pastoreio na vida económica da região.

A forte emigração que se fez sentir na década de 60, o desinteresse e o abandono dos campos a que se assistiu depois, tornaram mais pobre a vida da lavoura e o pastoreio tinha, necessariamente, de lhe sentir os efeitos negativos.

O pastor de hoje não tem, geralmente, a mesma vida árdua, solitária e nómada dos seus companheiros de um passado ainda vivo e bem próximo de nós.

Nalguns locais vêm-se agora "roullotes" substituindo o chôço e a maioria dos pastores - dos poucos que ainda vão mantendo algumas das antigas tradições - vão dormir a casa, deixando as ovelhas em cabanais ou em instalações do patrão, na vila.

O pastoreio, como actividade económica desempenha ainda um forte peso na vida de algumas comunidades locais, enfrentando, apesar da importância que representa, sérias ameaças, que poderão levar, inclusivé, à sua extinção.

Algumas entidades - autarquias, organismos regionais de coordenação económica, técnicos, associações - pensam o contrário e vêm desenvolvendo esforços

tendentes a minorar os efeitos da integração europeia neste sector.

É uma luta quase inglória face aos argumentos dos "nossos" parceiros comunitários: racionalização económica, tecnologia avançada, produtos de "qualidade" com forte implantação no mercado europeu, grandes unidades de produção, tendo por detrás grandes grupos económico-financeiros.

Por cá são os problemas de sempre. A desertificação humana do interior, a redução da área de pastagens à custa do avanço da floresta e principalmente das plantações indiscriminadas de eucaliptos, a indefinição sobre uma política agrícola subordinada aos reais interesses do país, que salvaguardando as comunidades locais do interior, preservasse determinados microcosmos rurais e permitisse o arranque de outras actividades ligadas à agricultura (pecuária, indústrias agro-alimentares, lacticínios etc) criando assim condições para estancar a contínua desertificação a que se assiste.

Os pastores que restam, quais "avis rara", produzindo (contra a corrente do tempo) produtos de qualidade, ver-se-ão remetidos quase ao ostracismo, agora por força das novas ideias e dos novos interesses que governam o mundo.

Aos queijos - esse produto alimentar tão nosso conhecido, a que mãos calejadas e sábias, deram forma e transmitiram qualidade - estará reservado o mesmo caminho que o dos enchidos. Produzidos a granel, ao metro ou ao quilo, embalados cientificamente, em sofisticados laboratórios de tecnologia alemã ou holandesa, com padrões de higiene acima da média, serão bacteriológicamente puros: saberão a nada ou, o que ainda é mais amargo, terão o sabor da nossa lusitana e secular ingenuidade.

=====

Os pastores no deserto

Chamam à vida mau fado.

Mais infeliz é quem ama

Amado sem ser amado

(Popular)

VOCABULÁRIO

- * **AJUDAS** - Segundo pastor do rebanho (ajudava no alavão, no pastoreio e na queijeira)
- * **ALAVÃO** - Nome do rebanho que dá leite (do árabe al-labban)
- * **ALAVOEIRO** - Nome do pastor que andava no alavão
- * **ACHINCHO** - Forma redonda onde é colocado o coalho e apertado e de onde sairá o queijo
- * **MAIORAL** - Primeiro pastor de cada rebanho - tantos maiorais quantos rebanhos
- * **QUEIJEIRA OU ROUPARIA** - Local onde se faziam os queijos - geralmente um palheiro velho ou cabanal no monte
- * **SAFÕES** - (Ceifões ou çafões) são usados pelos pastores durante todo o ano. São peles de ovelha com lã e feitos pelos próprios pastores.
- * **PELICO** - Por vezes também chamado de samarra, embora sejam diferentes. É uma grande jaqueta de peles que os pastores trazem vestida nos dias mais frios.
- * **APRISCO** - Formado por cancelas como as do bardo mas dispostas de modo diferente, formando um corredor, com uma entrada mais larga. Era o local onde os pastores procediam à ordenha. Nalgumas regiões é chamado de redil.
- * **PARREIRÃO (francela e queijeira)** - Mesa de pinho onde o roupeiro e o ajuda trabalham na confecção do queijo, apertando os achinchos.
- * **CORNA** - Recipiente para transportar comida usado pelos pastores; adaptação de chifres de gado vacum. São ornamentados com desenhos, feitos pelo pastor e talhados com perícia.
- * **GABÃO** - Também chamado cassacão ou capote, ou ainda capote alentejano.
- * **SARRÃO (ou surrão, do espanhol surron)** - Feito de pele de um chibo ou de um borrego com o pêlo para fora.

- * ROUPEIROS - São os homens que se acomodam pelo tempo que vai de Março a fins de Junho, para a queijeira do alavão ou alavões de ovelhas.
- * ROUPINHA - Camisa interior fina e geralmente de linho, usada pelo pastor.
- * CHOÇO (Sôcho - Socha - Choça e Xocha, variantes) - Feito de paus de azinho ou freixo e cobertos de colmo e giestas.
- * AFERRADA (ferrado) - Vaso de barro feito pelos oleiros de forma muito especial. Mais recentemente a aferrada passou a ser de latão.
- * AZADO - Pote pequeno onde era deitado o leite após ser coado e se misturava o cardo.
- * GEIRÃO - Mândrião.
- * MAL-DISPOSTA... - Expressão usada com reticências expressando ainda o "tabu" do pastor em se referir a menstruação ou mulher menstruada.

Bibliografia

- (1) Vasconcelos, J. Leite de - Etnografia Portuguesa - Vol. V, Imprensa Nacional/Casa da Moeda
- (2) Ficalho, Conde de - A tradição - revista d'ethnographia portugue-
sa, nº 6, Junho de 1899
- (3) Paralta, Maria de Lurdes - Memorial em verso da vila de Nisa,
Edição do autor, 1982
- (4) Picão, José da Silva - Através dos campos - D. Quixote, 1983
- (5) Figueiredo, José F. - Monografia da notável vila de Nisa, 1956
- (6) Durkheim, Émile - As regras do método sociológico - Editorial Pre-
sença
- (7) VASCONCELOS, J. Leite de - Etnografia portuguesa - Vol. V, Impren-
sa Nacional/Casa da Moeda
- (8) SILVA, J. A. Capela e - Ganharias - Imprensa Baroeth, Lisboa: 1939